

Resenhas

anarquistas na universidade | edson passetti*

Rafael Borges Deminicis e Daniel Aarão Reis Filho (Orgs). *História do anarquismo no Brasil*. Volume I. Niterói, EDUFF; Rio de Janeiro, MAUAD, 2006, 270 pp., com ilustrações.

Caindo tolos tabus! Até bem pouco tempo atrás, falar de anarquismos nas universidades parecia ser tarefa de acadêmicos com suas teses sobre a pré-história da classe operária no Brasil, autorizados, principalmente, pelas brochuras marxistas. Se anarquistas universitários falavam de uma história contada por eles mesmos — e não mais tomavam por referência os laudatórios reconhecimentos elaborados por seus adversários sobre os anarquistas restritos à primeira república brasileira —, eles eram tidos como pouco confiáveis, simplesmente porque habitavam a universidade, um lugar de pequena burguesia, de conhecimento de classe dominante ou no máximo marxista, etc. e tal.

* Coordenador do Nu-Sol, Núcleo de Sociabilidade Libertária, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

Enfim, um lugar para anarquistas não sujarem seus pés. Contudo, logo chegaram os estudantes anarquistas, suas associações, desacatos e incômodos, e propiciaram a coexistência com os professores libertários e os integrantes de centros de cultura. Era o final dos anos 1970 e início dos 1980.

No passado, até o século XIX, como explicitou a demolidora reflexão de Max Stirner, não só a universidade como qualquer escola eram lugares de formação de obediências e preparação para o domínio do trabalho intelectual sobre o manual. O tempo agora é outro. Estamos na sociedade de controle, que captura pelos fluxos intelectuais produtivos e democráticos, suprime o trabalho manual e pretende incluir as resistências: a universidade deixa de ser um lugar especial e passa a figurar como mais um fluxo ordinário.

Desde a eclosão de *O inimigo do rei*, na Bahia, dos escritos históricos incisivos de Margareth Rago e de Raquel Azevedo, do Núcleo de Alfabetização Técnica, NAT, na Universidade Federal de Santa Catarina, e da atuação contundente do Nu-Sol, aqui na PUC-SP, consolidou-se a reviravolta, abalando dogmas, evitando polêmicas (pois, polemizar é a atitude própria dos que têm idéias-fixas) e desdobrando problematizações.

O Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA, gea_nec2@yahoo.com.br, <http://nec-uff.sites.uol.com.br/geha.html>) aparece neste início de século XXI, no interior do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e elabora uma imperdível história do anarquismo no Brasil, organizada pelo experimentado professor Daniel Aarão Reis Filho e o jovem Rafael Borges Dominicis, acompanhados de pesquisadores, professores e militantes.

Este primeiro volume trata das emergências dos anarquismos no Brasil, trazidos por imigrantes italianos, portugueses, galegos, pessoas incríveis transitando daqui para lá, criando jornais, associações, ativando movimentos, atordoando polícias, fazendo arte e criando uma universidade com intelectuais e trabalhadores. Todas essas pessoas, com nomes reconhecidos ou com penetrantes anonimatos, inventaram a classe operária firme e insurgente daquelas décadas, mais tarde cruelmente reprimida pelo Estado e minada por burocratas da direita à esquerda partidária.

O começo anarquista da classe operária brasileira — ainda que muitas vezes reconstruída pelo viés da historiografia marxista e de sua perspectiva anti-libertária acomodada, segundo as circunstâncias, aos benefícios democráticos das eras entre ditaduras — provoca o jovem estudante e o experimentado pesquisador a se habituarem com a permanência irregular dos anarquistas; com estes homens e mulheres que não se curvam à obediência da hierarquia ou aos benefícios ofertados pelos ubuescos burocratas.

A presença deste livro afirma a intensa atuação de professores e pesquisadores pelas universidades do Brasil, dispostos a encontrar outros percursos para os anarquismos, a aprender sobre o que se passou e o que ficou ultrapassado, e a não temer o que repercute no presente. Está viva a tenacidade em se liberar de amarras, de tolos tabus e de discriminações. Propicia o rompimento com os defensores do verdadeiro anarquismo, com aqueles que defendem o julgamento do outro por uma moral superior, e que com isso refazem o tribunal. Daniel Aarão Reis Filho, na sua breve apresentação, soma-se a Margareth Rago e a mim na caracterização histórica dos anarquismos como práticas singulares diversas. Não há anarquis-

mo, nem anarquista; somente anarquismos e anarquistas.

O livro não é composto só de artigos que registram instantes de pesquisas exigentes. Eles promovem sugestões aos pesquisadores dos anarquismos de maneira explícita ou inspiradora. Os dois primeiros escritos (o de Nildo Viana e o de Alex Sandro Barcelos Côrtes), remetem à necessidade de problematizar a ultravalorizada tese que afirma ter sido a criação do Partido Comunista Brasileiro um dos principais responsáveis pelo *desmantelamento da anarquia*. Alexandre Samis, continuando suas reflexões derivadas do decisivo livro *Clevelândia, anarquismo, sindicalismo e repressão no Brasil*, aborda também o efeito da repercussão dos atos terroristas associados aos anarquistas por aqui e expressos na grande imprensa, no final do século XIX. A imigração galega, pouco conhecida de qualquer historiografia, é mostrada a partir de sua chegada antes da I Guerra Mundial e depois da Guerra Civil Espanhola, compondo seu legado de grandes lutadores, no Rio de Janeiro e em Santos, dos sapatteiros que marcaram a história dos trabalhadores, dos criadores de centros de cultura, como Ideal Pérez, filho de Juan Pérez Bonzas, e da generosidade em ceder o espaço de sua associação, inclusive para a realização do I Congresso Operário do Brasil, de 1906.

Anarquistas em prosa e verso, como mostra Claudia Feiraband Baeta Leal, remete-nos a questionar, ao final de seu artigo, a discutível tese de Hobsbawn sobre o mimetismo artístico da classe operária em relação à *classe dominante*, inclusive como meio de negá-la. Os anarquistas, convêm agora lembrar, inventavam suas artes como maneira de vida, produção de estéticas vinculadas às suas impreteríveis lutas. Foi daí que um fluxo artístico, o dadaísmo, emergiu e

desmontou a arte moderna. Todavia, anos depois este veio a ser o alvo da pacificação por parte do surrealismo de matriz francesa, procedente do Partido Comunista Francês. A vida anarquista, do trabalho à arte, não apartava um da outra, não acalentava *projetos políticos*, nem aspirava somente à futura liberdade. Equívoco de Hobsbawm e seus seguidores. As expressões artísticas, éticas e estéticas dos anarquistas, estavam remetidas à sua época, em um trânsito interminável (ver nesta sessão de resenhas o livro de Nildo Avelino). Os anarquistas fazem de suas existências linhas de fuga surpreendentes, inclusive literariamente. São mais do que representações da liberdade; são suas confirmações, sinceras, honestas e sutis, ainda que algumas vezes sem o esperado *valor literário*.

Os anarquistas permanecem nômades indisciplinados, da maneira como Rogério Nascimento mostra Florentino de Carvalho; implacáveis como Gigi Damiani, apresentado por Luigi Biondi; a própria reaparição do *O inimigo do rei*, captada por uma lente aproximativa de Leonardo Carvalho Pinto; ou ainda tantos outros, como Lima Barreto anarquista, sinalizado pelo artigo de José Benjamim Montenegro. Concordando com Reis Filho, mais uma vez, em sua apresentação, os artigos de maior duração de Milton Lopes e Orlando de Barros encerram o livro. Lopes, mostra as facetas de Fabio Luz, autor de *Ideólogo* e a importância da leitura de *A regeneração da humanidade*, de Manuel Curvelo de Mendonça. Estes e outros livros estão desaparecidos das bibliotecas, editoras e das livrarias como os de Florentino de Carvalho e a obra de Lírio de Resende, estudada por Orlando de Barros. Desafiar editoras anarquistas a publicar alguns desses livros, não só para os jovens anarquistas, mas também

para os madurões que quase os desconhecem, talvez seja mais uma contribuição deste volume para a história dos anarquismos.

Os anarquistas e anarquismos se reinventam pelos acontecimentos que provocam, e experimentando liberdades. Que venham muitos outros volumes (há 12 escritos aguardando publicação, segundo Rafael Deminicis) formando uma biblioteca! E que muitos outros anarquistas publiquem em livros, revistas, jornais e *sítios* seus próprios ditos, escritos, desenhados, e a obra destes homens e mulheres que fizeram nossa história sempre internacionalista.

Em tempo: o Atelier de Création Libertaire (Lyon, 2006, 397 pp, c/ilustrações), acaba de lançar *L'anarchisme en personnes*, entrevistas com anarquistas de universidades, ou que nunca lhes deram as costas. São eles: Eduardo Colombo, Ronald Creagh, Amedeo Bertolo, John Clark, Marianne Enckell e José Maria Carvalho Ferreira (colaborador de *Verve*). Cada um, à sua maneira, sabe mostrar as facilidades com a passagem do tempo para ultrapassar dogmas. Sob a forma de coleção, "L'anarchisme en personnes", *Claire l'enragée*, organizado por Mimmo Pucciarelli (ACL, Lyon, 2006, 127pp, c/ ilustrações), traz uma entrevista de Claire Auzias (neste número falando de Louise Michel). O Nu-Sol, em setembro, *à sua maneira*, continua coletando depoimentos de anarquistas (Margareth Rago, Guilherme Corrêa, Rogério Nascimento e José Maria Carvalho Ferreira) para um arquivo eletrônico; a Universidade Federal da Bahia promove um Seminário sobre Pedagogia Libertária e Neoliberalismo entre 5 e 6 de outubro de 2006, o GEA continua difundindo suas condutas... Os anarquismos, talvez até mais nas universidades que em outros *lugares*, não cessam!